

METODOLOGIA DIALÉTICA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Cleci Irene Trentin¹
Roseli Terezinha Alves²

Resumo: O presente trabalho visa fazer uma análise da metodologia tradicional como também propor um caminho alternativo, o qual se traduz pela metodologia dialética e que poderá conter os seguintes pressupostos: O educando como sujeito histórico; Clareza de metas a serem atingidas; Estímulo à aprendizagem; Análise; Síntese e Sistematização. Sendo capazes de elaborar metas, construir um conhecimento sistemático da realidade e planejar ações transformadoras, professores e alunos estarão viabilizando melhores oportunidades de desenvolvimento sócio-cultural.

Palavras-chave: construção do conhecimento, metodologia dialética, tradição, educar, transformar.

Abstract: Dialectic Methodology And Construction Of Knowledge The present work aims doing an analysis about the traditional method, as well as proposing an alternative way, which is translated by the dialectic methodology and contains the following presuppositions: the student as a historical subject; Clearness of aims to be achieved; Stimulus for learning; Analysis; Synthesis and Systematization. Being able to elaborate objectives, to build a systematical knowledge of reality and plane changing actions they are providing better opportunities of socio-cultural development.

Keywords: construction of knowledge; dialectic methodology; tradition; educate; transformate.

¹ Especialista em Língua Portuguesa e Metodologia do Ensino de Língua Estrangeira; professora de Inglês no CEFET - Unidade de Pato Branco-Pr. Rodovia PR 469, Km 01, CEP 85530-390 e Mestranda em Educação pela UNESP - Campus de Marília - SP.

² Especialista em Ciências Ambientais e professora do CEFET - Unidade de Pato Branco-Pr. Rodovia PR 469, Km 01, CEP 85530-390; Mestranda em Educação pela UNESP - Campus de Marília-SP.

Introdução

O presente trabalho é desenvolvido a partir de uma preocupação com o processo pedagógico que vê o professor como agente principal para a construção do conhecimento.

Quando se pensa na atuação do professor, conseqüentemente está se tomando como objeto de estudo o aspecto metodológico utilizado por ele na sua prática educativa, pois considera-se que na relação entre educador e educando está a base para a formação ou deformação do ser humano. Implícita ou explicitamente, o professor em sala de aula passa a sua posição política, suas crenças e valores, seus anseios, a sua visão de mundo e ideal de sociedade para os alunos que atentam às suas palavras e atitudes no contexto educacional. Essa prática do professor pode conduzir pessoas à libertação ou à opressão. Wallon (apud Vasconcellos, 1993, p.11) afirma:

A ação educativa desenvolvida e os meios utilizados (metodologia, técnicas, conteúdos, relacionamentos) podem ajudar as pessoas a irem se libertando de tudo que as escraviza interior e exteriormente (...) mas pode também ser de natureza tal que mantenha as pessoas e os grupos em situação de dependência, manipulando-os como objetos e sujeitando-os às estruturas injustas (...) Deixa de ser educação para converter-se em instrumento de dominação, de domesticação, responsável pela formação de homens e mulheres acomodados e alienados.

Entende-se que por trás da manutenção das pessoas em situação de dependência está a pedagogia tradicional e que por trás do impulso para a libertação está a metodologia dialética. A pedagogia tradicional tem sido um dos principais fatores responsáveis por este processo de dominação, opressão e alienação, principalmente pelo seu caráter de inculcação da ideologia dominante, onde apenas o discurso de uma das partes é tido como verdadeiro e inquestionável, contribuindo assim para a manutenção do status quo e conseqüentemente para a não evolução do processo educacional.

No caso da metodologia dialética, ela é apropriada para uma relação entre educador e educando, na qual ambos, num processo de negociação e de liberdade, procuram construir conhecimentos que poderão

levar à transformação da realidade buscando uma sociedade mais justa. Como afirma Paulo Freire (1996, p.20):

... mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros... Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe.

Assim, como professoras da rede pública do Estado do Paraná, busca-se com este trabalho expor algumas características e conseqüências da metodologia tradicional, bem como propor uma metodologia alternativa a qual se pensa que poderá levar realmente à construção do conhecimento e servir de estímulo à imaginação de todas as pessoas que procuram pistas concretas para uma prática educativo-crítica, provocando ruptura, decisão e novos compromissos com a sociedade.

1. Pedagogia tradicional características e conseqüências

A pedagogia tradicional, que tem suas raízes na Idade Média e encontra-se viva nas escolas brasileiras, caracteriza-se especialmente pela aula expositiva, vê o professor como o centro do processo de ensino e aprendizagem e parte do pressuposto de que o aluno é uma "tábula rasa". Nesta lógica, desde que o professor explique o conteúdo detalhadamente, o aluno aprende. Na verdade, o que se faz aqui é uma inculcação de conteúdos. O aluno recebe tudo pronto, não questiona, não é solicitado para participar da aula e a memorização é tida como a melhor forma de aprender. Conforme Vasconcellos (1993, p.20) "...a prática tradicional é caracterizada pelo ensino "blá-blá-blante", salivante, sem sentido para o educando, meramente transmissora, passiva, a-crítica, desvinculada da realidade, descontextualizada".

Desta forma, nesta prática, o conhecimento do aluno, a sua vivência e experiências, a sua percepção do mundo, visão e opinião sobre fatos simplesmente não são considerados, é como se eles não existissem, como se o aluno não fosse um ser concreto, um ser humano capaz de raciocinar, de argumentar. Paulo Freire (1983) chama a este tipo de ensino educação bancária, onde o depositante é o professor; depositante de conteúdos, de normas e conceitos inquestionáveis e os alunos são meros receptores que agem passivamente.

Ora, a essa prática não se pode chamar educação, mas massificação, opressão, alienação. Não há como se produzir conhecimento onde os próprios sujeitos do processo de ensino e aprendizagem são desconsiderados; onde a prática social não existe e o contexto se limita às quatro paredes da sala de aula plena de objetos e não de sujeitos, agentes de transformação.

Deve-se ressaltar, porém, que não é apenas o professor o culpado por não saber formar pessoas críticas, atuantes, pois ele próprio foi vítima deste tipo de ensino e a sua formação ocorreu nas bases expostas acima. No entanto, é necessário entender que pessoas acríticas, não-pensantes só interessam à classe dominante da sociedade, que através de um ensino elitista procura manter o status quo e, conseqüentemente, o seu poder de opressão, de dominação.

Tais críticas, relacionadas ao método tradicional, decorrem das avaliações feitas de suas conseqüências ao longo da história.

2. Caracterização da Metodologia Dialética

A metodologia dialética baseia-se na concepção de ser humano como ser ativo e de relações, vivendo em constantes lutas e contradições. Desta forma, ele é sempre o sujeito da práxis histórica. A metodologia dialética é um modo de conhecer, analisar e pensar a realidade em suas múltiplas dimensões e em constante movimento em toda a sua complexidade. A metodologia dialética é um caminho de aproximação a uma realidade que não se dá imediatamente. Kosik (1976, p.20), assim define: “A dialética é o pensamento crítico que se propõe a compreender a “coisa em si” e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade”.

Para se trabalhar dentro da metodologia dialética, deve basear-se na investigação, na análise e na sistematização. Para isso, precisa-se conhecer as categorias através das quais o método dialético se diferencia dos demais e Kuenzer (1998) assim propõe:

2.1- Práxis

O conhecimento novo será produzido através do pensamento que vai do abstrato ao concreto pela mediação do empírico, ou seja, da teoria para a prática e desta para a teoria. Assim, para se produzir um conhecimento novo, deve-se buscar tudo o que já foi produzido anteriormente em termos teóricos. A partir daí buscar-se-á relacionar esta

teoria com o concreto existente, analisando possíveis contradições e/ou similaridades. Este processo (análise, síntese e sistematização) vai determinar o surgimento de uma nova teoria, a produção de um novo conhecimento, a práxis transformadora, que só se realiza na atividade prático-social consciente, pois, o conhecimento representa um dos modos de apropriação do mundo

2.2- Totalidade

A *totalidade* implica na concepção da realidade como um todo, onde os fatos são compreendidos a partir do lugar que ocupam na totalidade do próprio real e das relações que estabelecem com os outros fatos e com o todo. Relações que ocorrem das partes para o todo e do todo para as partes. Kosik (1976, p.44), assim conceitua: “totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido”.

2.3- Contradição

Deve-se buscar a todo momento o movimento, a ligação e a unidade resultante da relação de contrários, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes, e que estas, ao se opor dialeticamente se destroem ou se superam, buscando compreender onde e como se dão os pares, incluem/excluem, desaparecem ou originam uma nova vida; internacionalização / nacionalização; globalização / regionalização; padronização / criatividade; centralização / descentralização; ampliação / fragmentação; educação / deseducação; qualificação / desqualificação; especialização / politecnia; autonomia / dominação; adesão / resistência; unilateralidade / omnilateralidade; conservação / transformação, etc.; a compreensão destes pares não pode se dar através de explicações lineares que resolvam as tensões entre os contrários, mas da captação da riqueza do movimento e da complexidade do real, com suas múltiplas determinações e manifestações.

2.4- Mediação

A mediação se constitui em desagregar os elementos do todo, estudá-los em separado, ir selecionando o importante do secundário e observar suas relações com a totalidade, porque os fatos não existem

isoladamente, eles se realizam dentro de um contexto; a partir daí pode-se construir conceitos e juízos que podem ser válidos para diferentes fatos ou situações.

Entende-se a metodologia dialética como um processo de produção e não de inculcação, nem de mera transmissão de conteúdos e competências. Através da metodologia dialética busca-se melhor entender a construção e apreensão do conhecimento, dos valores, da cultura, das identidades e diversidades, da existência e consciência, entre vivência e saber. Para Kosik (1976, p.39): “A dialética não é o método da redução: é o método da reprodução espiritual e intelectual da realidade é o método do desenvolvimento e da explicitação dos fenômenos culturais partindo da atividade prática objetiva do homem histórico”.

3. Pressupostos para a ação pedagógica

Uma metodologia de trabalho comprometida com os educandos, deve refletir toda uma concepção de conhecimento e de educação, que entende os educandos como seres humanos ativos e de relações, tendo consciência do inacabamento do ser, do espaço que pode ocupar, devendo conceber o conhecimento como algo que não pode ser *transfereido* ou *depositado*, nem inventado, mas sim, construído pelos sujeitos educador/educando, através das suas relações com o outro e com o mundo, após ser trabalhado, refletido, apreendido e re-elaborado. Para isso, torna-se necessário observar-se alguns encaminhamentos:

3.1- O educando como sujeito histórico

Para se construir o conhecimento não se pode negar o velho, porque no velho tem-se a historicidade de um povo, a qual irá servir de base para a re-elaboração do novo. É situar-se na história, tendo uma posição crítica, questionadora e inovadora para enfrentar de forma ativa e consciente os problemas como problemas reais e a partir daí buscar transformar a realidade.

Desta forma, dir-se-ia que a educação deve partir do conhecimento previamente adquirido pelos educandos relacionando-o ao contexto e prática social, visando a mobilização do educando para a produção de um novo conhecimento.

3.2- Clareza de metas a serem atingidas

O educador deve buscar a inserção do educando num projeto social, com uma postura ativa de sujeito, desenvolver nele a capacidade de desafiar, de provocar, de contagiar, de despertar o desejo e o interesse pelo objeto de estudo, a fim de que possa se dar a interação educativa e a construção do conhecimento. Para que isto ocorra, é necessário que o educador possua clareza de objetivos, das metas que pretende atingir. É necessário que ele tenha convicção, engajamento, entenda a importância de seu trabalho no grupo social e se entenda atuante no processo ensino/aprendizagem.

Essa clareza de atuação não se restringe apenas ao educador, o educando também deve ter clareza de objetivos e entender a necessidade de conhecer, não apenas superficialmente, mas na essência, determinado objeto de estudo. Vasconcellos (1993, p.70) diz que: “a busca do conhecimento é consequência de uma finalidade que o homem se propõe.”

O processo ensino/aprendizagem pode ser prejudicado quando professores e alunos não têm clareza de sua prática, não sabem porque ensinam ou aprendem determinados conteúdos, tornando-se inseguros no próprio desempenho. A construção do conhecimento não se dá apenas para nos adaptar a uma realidade, mas sim, para intervir recriando-a.

3.3- Estímulo à aprendizagem

Para que o educando apreenda determinado objeto, é necessário que ele esteja predisposto para isso, dirija sua atenção, seu pensar, seu fazer sobre o objeto de conhecimento.

A afetividade exerce papel fundamental no que concerne à aprendizagem, pois ela age no sentido de facilitar ou inibir a busca pelo conhecimento. Ela facilita quando a atmosfera da sala de aula é a menos tensa possível, quando transmite uma sensação de segurança para os educandos onde eles não têm medo de correr riscos e sabem que seus enganos serão perdoados. A afetividade age negativamente quando existe excesso de carga afetiva, provocando ansiedades, acionando mecanismos de defesa que inibem o desejo de interagir, de realizar, de transformar devido às suas próprias condições de existência (opressão, massificação, desvalorização, etc.).

Entretanto, embora a afetividade prevaleça como meio para induzir o educando ao processo de busca pelo conhecimento, não se pode deixar de lado a rigorosidade da prática educativa. Esta prática deve

estar ligada em despertar o interesse do educando. Suscitá-lo deve ser um dos objetivos essenciais do educador.

Quando o professor não possui clareza política, pode terminar apregoando uma ideologia de dominação, imobilizadora e ocultadora de verdades, levando o aluno a aceitar passivamente o treino técnico-científico.

Ao contrário, o professor que possui clareza política e comprometimento com a transformação da realidade injusta, busca conduzir à libertação, à autonomia do ser humano. Leva-o a analisar, a comparar, a decidir, a intervir.

Um dos fatores que contribuem para que o educando se interesse pela busca do conhecimento é que o objeto de estudo tenha significado para ele. Tornar significativo o objeto de estudo para o educando significa relacioná-lo com o seu universo de conhecimento, com a sua realidade e prática social. O professor tem o papel fundamental de dispor a realidade para o aluno, para isso é necessário que ele tenha o conhecimento científico, político e filosófico, pois o aluno traz o conhecimento das percepções da aparência exterior das coisas e situações, ou seja, o conhecimento teórico empírico. Kosik (1976, p.17) assim diz: “Como a essência – ao contrário dos fenômenos – não se manifesta diretamente, e desde que o fundamento oculto das coisas deve ser descoberto mediante uma atividade peculiar, tem de existir a ciência e a filosofia.”

Para desvendar a realidade do aluno, o professor deve fazer um levantamento das representações do conhecimento dos alunos a respeito do objeto de estudo, devem partir da aparência exterior, de uma visão de conjunto de concepções heterogêneas. Conhecendo a realidade de seus educandos, o professor vai aprofundar as causas dos fenômenos, relacioná-los com a totalidade histórica, criticar a ordem estabelecida, levá-los a situar-se como sujeitos participantes da construção histórica.

De acordo com Holliday (1996, p.59):

Para passar da aparência externa dos fatos e situações que vivemos em nossa realidade imediata e penetrar em seus elementos essenciais, suas causas, suas contradições fundamentais é necessário que o nosso pensamento realize um processo de abstração, porque essas conexões são invisíveis à percepção dos sentidos.

Para se conhecer o objeto de estudo, propõe-se entender sua forma de manifestação, seu movimento, suas contradições, sua história, suas relações com a totalidade. Parte-se do conhecimento que se tem, e aos poucos, este conhecimento anterior vai se ampliando, chegando a um mais complexo e abrangente. Sendo necessário que o educador tenha o conhecimento teórico que poderá ser mediado pela própria pesquisa de campo, pelo diálogo com os sujeitos do processo ensino-aprendizagem, pela experimentação, etc.

3.4- Análise

O educador tem papel fundamental nesse processo, o de propiciar condições para o educando realizar a sua análise, ou seja, ele deverá conceder espaço, tempo e instrumentos como livros, revistas, jornais, etc., levá-lo à reflexão crítica e coletiva a fim de que haja construção de conhecimento.

3.5-Síntese

A síntese é o momento onde o educando elabora uma idéia simplificada, ou seja, uma hipótese que pode explicar a essência do fenômeno. Através da síntese o educando pode distinguir o que é fundamental ou secundário em relação ao objeto e volta a ver o conjunto do processo. Tanto a análise quanto a síntese são momentos que dependem fundamentalmente da ação intelectual do educando, pois prescindem da interação e reflexão dos sujeitos do processo, possibilitando re-elaborar conhecimentos. Para Kosik (1976, p.18):

O conhecimento se realiza como separação do fenômeno e essência, do que é secundário e do que é essencial, já que só através dessa separação se pode mostrar a sua coerência interna, e com isso, o caráter específico da coisa.

3.6- Sistematização

A sistematização é uma interpretação crítica do que foi vivido, dos fatores que intervieram no processo, como se relacionaram. Estes fatores devem ser ordenados, reconstruídos para que se torne possível a interpretação crítica da condução do processo, faz o educando pensar

no que foi feito e o conduz a fazer as coisas pensadas, refletidas, re-elaboradas.

Para Holliday (1996), o processo de sistematização deve ser vivido em cinco tempos:

1º - Ponto de Partida

O ponto de partida da sistematização deve ser a própria prática do educando, pois não é possível a sistematização se não houve prática. Entretanto, devemos entender que a sistematização é um exercício teórico onde colocamos o que fizemos, sentimos e pensamos sem, contudo, ser necessário concluir uma experiência, pois a sistematização pode ser feita para ir alimentando a prática, não para dar conta definitiva dela. Devemos ressaltar ainda que só pode fazer a sistematização de um processo quem tenha vivido a experiência ou tenha passado por uma semelhante. Outro ponto fundamental é que se tenha o registro de todas as coisas que aconteceram durante o trajeto percorrido.

2º - Perguntas iniciais

Neste momento colocam-se três pontos essenciais que vão orientar o processo. Num primeiro momento, definir-se-ia o objetivo da sistematização, de maneira mais clara possível, o sentido, a utilidade, o produto e o resultado esperado. Também procurar-se-ia delimitar o objeto, escolhendo uma ou mais experiências que foram interessantes, porém, deve-se definir com clareza um eixo de sistematização, para que não haja dispersão e se chegue à meta proposta. Esse eixo será o fio condutor do processo e irá definir os aspectos centrais que interessam sistematizar.

3º - Recuperação do Processo Vivido

Essa recuperação se faz através dos registros feitos durante o processo, podendo-se reconstruir a história através da ordenação e classificação das informações.

4º - Reflexão de Fundo

Este é o principal momento do processo, pois trata-se de ir além da descrição, passando pela análise, síntese e interpretação crítica do mesmo. Este momento tem duração indeterminada a qual vai depender da experiência a ser sistematizada.

5º - Pontos de Chegada

O ponto de chegada é uma nova forma de chegar ao ponto de partida " enriquecido com a ordenação, reconstrução e interpretação crítica da(s) experiência(s) sistematizada(s)". (Holliday, 1996, p.108).

Além de formularem-se conclusões, é muito importante redigir-se um documento que irá enriquecer ainda mais o processo de pensar e transformar nossa prática e para que o mesmo não se limite somente ao conhecimento do grupo participante. A experiência deve ser comunicada para que mais pessoas possam se beneficiar dela, tornando-se assim uma contribuição valorosa tanto para o meio educacional, como para todas as pessoas que a ela tiverem acesso.

Para Severino (1994, p.148):

O homem se faz pela sua prática real, prática que se desdobra no tempo e que é efetivada no contexto do agir de um sujeito coletivo. O homem é, portanto, aquilo que ele se faz. Mas ele se faz fazendo as coisas, ou seja, ele vai-se construindo como o resultado de sua própria prática, concreta, real, coletiva.

Considerações Finais

O cotidiano escolar mostra que a pedagogia tradicional ainda se encontra muito presente nas salas de aula e que, talvez, os educadores conheçam os perigos de se trabalhar sob seus pressupostos, todavia, a maioria dos professores não consegue superar o tradicionalismo de sua prática devido às condições que lhes são oferecidas (salas de aula superlotadas, falta de material didático, de apoio didático-pedagógico, falta de condições para enfrentar a carência de conhecimento científico, político e filosófico).

Para se falar de uma metodologia para a transformação da realidade, é necessário se ter uma concepção político-pedagógica que reflita os anseios de nossos educandos e a concepção de mundo que se está buscando. Para Holliday (1996, p.197):

...tal concepção deve basear-se em uma lógica que como forma de desenvolver o pensamento e a ação - nos permita visualizar os aspectos da realidade em seus vínculos, contradições e relações, a subordinação de um elemento ao outro, buscar as causas dos

fenômenos. Em outras palavras estamos nos referindo à lógica dialética, em contraposição à lógica formal, já que só uma lógica dialética nos pode ajudar a ter uma visão da totalidade em movimento.

O método dialético, quando utilizado pelo professor, desencadeia o processo de construção do conhecimento. Para isso é necessário atentarmos para os pressupostos explicitados anteriormente e que se pensa serem de fundamental importância para se chegar a uma práxis transformadora.

Acredita-se que sendo capazes de elaborar metas, construir um conhecimento sistemático da realidade, planejar e executar ações transformadoras, professores e alunos estarão viabilizando melhores oportunidades de desenvolvimento sócio-cultural.

Entende-se que no contexto educacional é necessário superar-se a metodologia tradicional e partir para um outro método que realmente possa construir conhecimento, saindo de um trabalho pedagógico de ideologia de alienação. Precisa-se utilizar um método que leve os educandos a descobrir a importância da compreensão científica, política e filosófica da realidade em que vivem, apropriando-se dos conceitos já elaborados, compreendendo o seu mundo. É preciso levá-los a saber que o conhecimento visa esclarecer e libertar o ser humano de todas as formas de opressão naturais e sociais que o cercam e que "A perfeição de qualquer ser vivo é viver mais e melhor; o objetivo de toda vida é mais vida". (Severino, 1994, p.32).

A verdadeira educação faz com que o sujeito se transforme e conseqüentemente transforme a realidade, "visa a formar novos mestres e não eternos discípulos, a formar novos dirigentes" (Gramsci apud Vasconcellos, 1996, p.34), desta forma o conhecimento apoiado nas mediações histórico-sociais contribui para a conquista de uma melhor qualidade de vida.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 16ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa,

Universidade Federal de Pernambuco, Ed. Universitária, 1996.

KUENZER, Acácia Zeneide. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação. IN: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de Final de Século**. Petrópolis, Vozes, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia da educação: construindo a cidadania**. São Paulo: FTD, 1994.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo, Libertad, 1993.